

Inêz OLudé da Silva

A Rota do Escravo
AS AGUAS DA MEMÓRIA



PARA NUNCA ESQUECER

A exposição está participando do concurso, lançado em 2011 pela Unesco, para um monumento sobre a escravidão permanente na ONU em Nova York, que será inaugurado em 2013. Sob forma de mural. Que seja ou não aprovado, chegou a hora dele viajar pelo mundo. .

Informação

Inêz Oludé da Silva

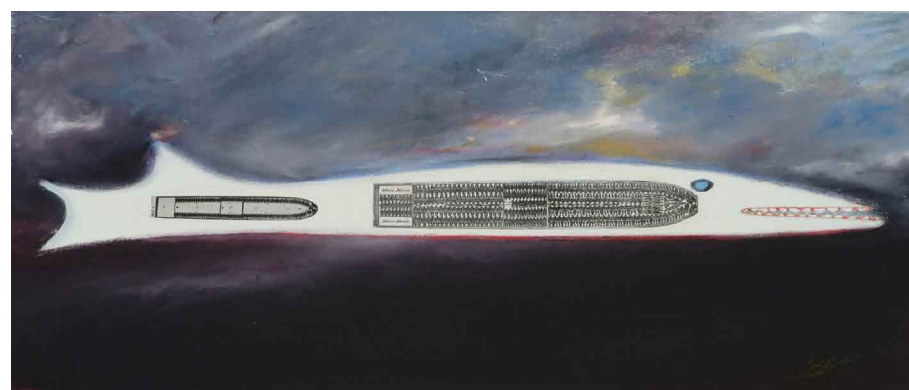
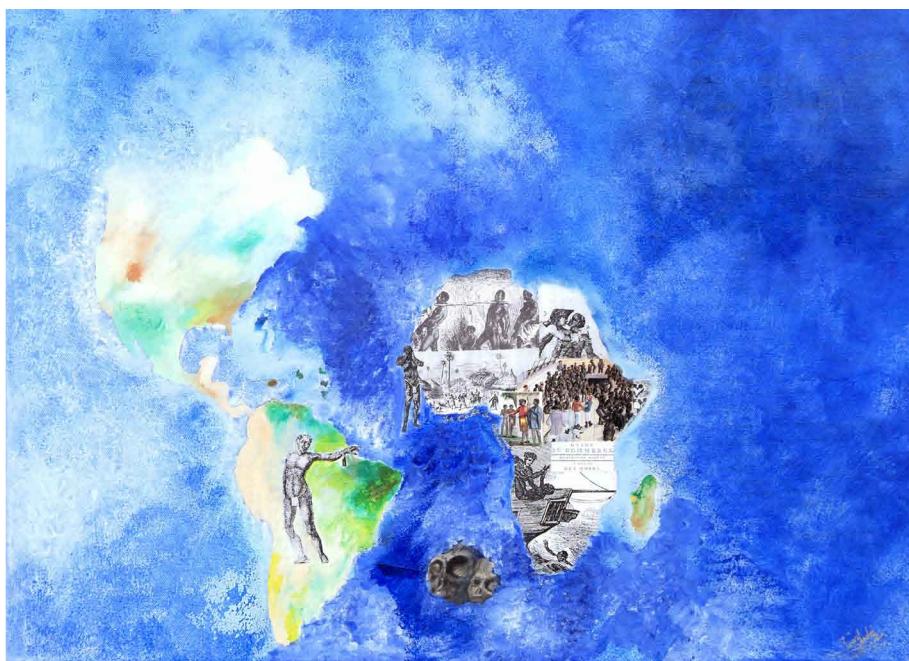
Tél : + 32 (0) 478 23 68 06

E-mail : inezolude@yahoo.com.br

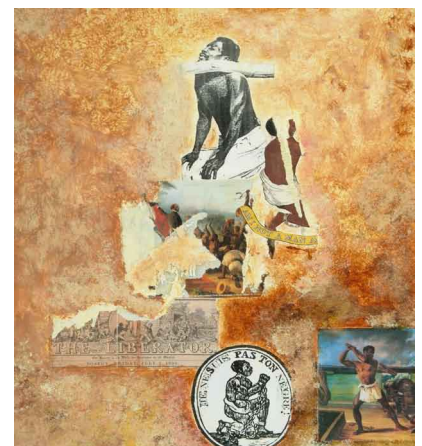
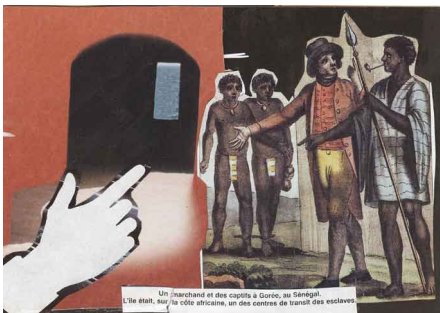
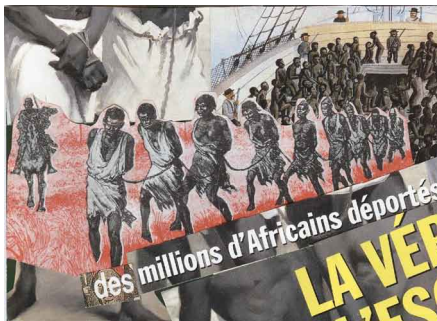
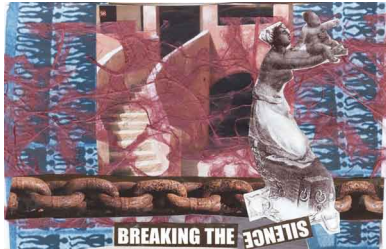
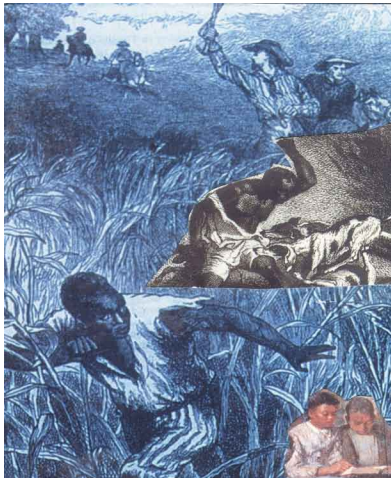
Site : inezoludedasilva.be

Exposição As Aguas da Memória

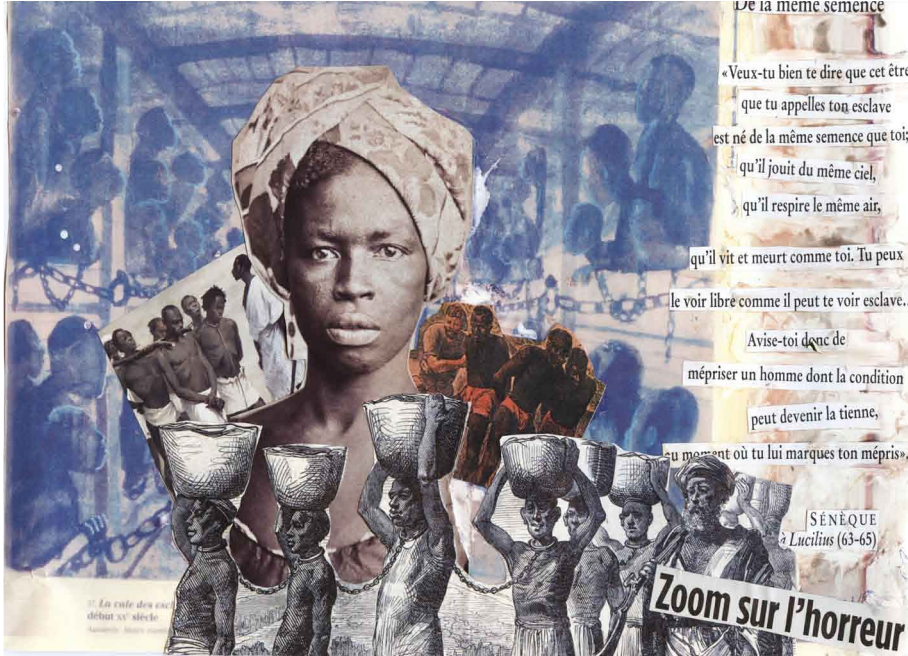
AOS MEUS PAIS E AVÓS



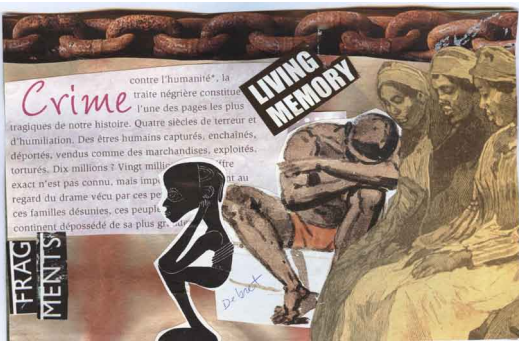
A Rota do crime contra a Humanidade



Crime Sem Punição



Rota do crime contra a humanidade



Crime

Trabalho forçado é escravidão



1901, p. 314 (© Africa-Museum, Tervuren)

Noirs en contact avec la civilisation, c'est-à-dire à la chaîne

Exposição itinerante

« As Águas da Memória »

Projeto parceiro do programa a Rota do Escravo”, Unesco
“O Navio Negreiro”, (instalação)

Apresentação

Trata-se de um trabalho artístico de reinterpretação ou de releitura, que aborda o tema da escravidão através de intervenções (queimar, cortar, rasgar, colar, descolar, colorir, pintar) da iconografia produzida pelos povos colonizadores. Uma visão contemporânea, com óculos escuros e do avesso, criando novas rotas que pretendem estimular a reflexão no intuito de desconstruir a ideologia e a propaganda colonial. Este trabalho expressa ao mesmo tempo a coragem de mergulhar num oceano de imagens que evocam conceitos tristes como sobreviver, travessia oceânica, se reinventar no novo mundo, resistir ao esquecimento do passado.

Inêz Oludé da Silva rompe o silêncio interpondo as visões que se têm da escravidão e a herança mais que deturpada da história. O espectador é convidado a deixar de lado o que aprendeu nos livros e se deixar transportar pelas obras e formar sua própria opinião à respeito.

Pesquisadora incansável, ao abordar o tema da escravidão, como um antídoto à amnésia, à negação e às ocultações. A artista tem como motor de reflexão o refrão africano que diz « enquanto os leões não tiverem historiadores as histórias de caça glorificarão sempre o caçador ».

Baseado em documentos da época realizados pelos povos escravagistas, às vezes obtidos durante suas viagens nos países e sobre estradas percorridas pelos escravos, o trabalho da artista pernambucana Inêz Oludé Silva mistura colagens e pintura e é concebido como uma viagem iniciática no centro da memória dos povos oprimidos, mas também na boa consciência dos opressores.

Esta obra longa, sem concessões, em constante evolução, é como que habitada pela presença muda e apreensiva destes homens e mulheres bruscamente tão presentes, através da inegável necessidade de origem. Essa é a força do trabalho da artista Inêz OLudé.

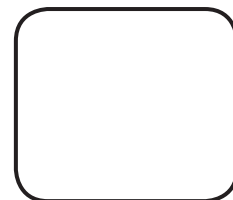
Direito à História

Direito à Memória

0 Navio Negreiro Castro Alves



Instalação



Histórico

A data recorda o mesmo dia em 1791, em Santo Domingo, em que se registou o início de uma sublevação que seria decisiva para a abolição do comércio de escravos.

Na sua mensagem, a UNESCO disse que este dia representa uma boa ocasião para recordar à comunidade internacional a “tragédia” da escravatura, “um crime contra a humanidade”.

A UNESCO afirma que ocultar acontecimentos históricos deste tipo é “um obstáculo ao entendimento mútuo e à reconciliação internacional e, portanto, à paz”.

A consciência da humanidade deve julgar o tráfico de seres humanos e a escravatura como fatores de negação dos direitos humanos.

Devido aos níveis de exploração e violência extrema que caracterizaram o tráfico de escravos, aos monstruosos argumentos esgrimidos para justificá-la e às paradoxais interações a que deu origem, tal tragédia continua a estar intimamente ligada aos problemas mais candentes do mundo contemporâneo.

Abordar publicamente esse drama permitirá gerir memórias dolorosas, construir identidades nacionais e forjar novas formas de cidadania.
A UNESCO iniciou um projecto em 1992

chamado “A rota do escravo”, que representa uma ajuda para que alguns países ligados de uma ou outra maneira à escravatura reabram essa trágica página da sua história e levem a cabo uma recuperação da memória histórica.

Pela ocasião do Dia Internacional de Recordação do Tráfico de Escravos e da sua Abolição, o Director-Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Koïchiro Matsuura, incentivou a construção de uma história comum e o lançamento das bases de um diálogo intercultural.

“Juntando-nos em torno de uma visão partilhada do tráfico de escravos e da escravatura, poderemos construir uma história comum e lançar as bases de um diálogo intercultural que transmita uma mensagem universal de conhecimento e de tolerância”, disse Koïchiro Matsuura.

O Dia Internacional Recordação do Tráfico de Escravos e da sua Abolição é celebrado todos os anos a 23 de Agosto para comemorar a insurreição, na noite de 22 para 23 de Agosto de 1791, de escravos de Santo Domingo, nas Caraíbas, a qual teve um papel determinante na abolição do tráfico de escravos.

Este Dia é um momento único para a comunidade internacional conciliar o dever de recordar certos fatos passados com o dever de os situar na sua justa perspectiva histórica, disse Koïchiro Matsuura.

A UNESCO lançou, em 1994, o projecto Rota dos Escravos, com o objetivo de abrir o estudo do tráfico de escravos à pluralidade de memórias, de culturas e de representações. Esse respeito pela diversidade das memórias é uma exigência democrática que deve responder à procura social e ser acompanhada da busca de referências comuns, sublinhou o Director-Geral da UNESCO. Esse respeito pode ser conseguido graças a uma educação de qualidade e multidisciplinar que integre as questões relativas à evocação e transmissão da memória histórica do tráfico de escravos, de uma maneira científica e rigorosa. Segundo Koïchiro Matsuura, o diálogo intercultural duradouro só pode prosperar numa relação pacificada com a história e a memória. Contra todas as formas de sacralização da memória e para esconjuram os efeitos devastadores da rivalidade entre as memórias, devemos promover uma investigação e ensino da história que permitam simultaneamente explicar e compreender, reconstituir a trama dos relatos conflituais e combater os silêncios, acrescenta.

o que foi dito sobre o projeto

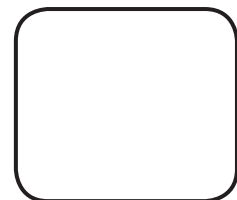
Koïtciro Matsura, Diretor Geral da Unesco

“Nós temos o prazer de apresentar a exposição da pintora brasileira, Inêz Oludé da Silva, intitulada as “Águas da Memória, a Rota do Escravo”, no qual o estilo revela uma dimensão profunda da tragédia do tráfico negreiro. Convido a todos para que vejam esta exposição que nos leva, sem dúvida, a tomada de consciência sobre a necessidade do dever de memória”, extraído do discurso proferido dia 04 de dezembro de 2004, na Unesco, em Paris durante as comemorações do Ano Internacional da luta Contra a Escravidão e suas Abolições.

Mounir Abouchenaki, Vice-Diretor Geral da Unesco

“A exposição “As Águas da Memória”, testemunha não somente o engajamento de Inêz Oludé em favor da memória, como ainda contribui para que os africanos e os afro-descendentes conheçam melhor a sua história. Nós contamos com a sua contribuição para nos ajudar a sensibilizar, de maneira durável, a comunidade internacional a fim de manter uma vigilância constante sobre esta tragédia e suas consequências. Esta exposição constitui um meio privilegiado de sensibilização”

**23 DE AGOSTO DIA INTERNACIONAL DA
MEMÓRIA DO TRAFICO NEGREIRO
E SUAS ABOLIÇÕES**



Inêz Oludé da Silva, artista plástica



Inêz Oludé da Silva, artista plástica e curadora pernambucana, especializando-se atualmente em artes públicas e Monumental pela Academia Real de Belas Artes de Ixelles, em Bruxelas, é membro do Conselho Nacional de Artes Plásticas da UNESCO e do Internacional Luoma Group. É artista multimídia, pintora, muralista, colagista, mail artist, ilustradora, poetisa e escritora. Residente em Bruxelas desde 1976, onde chegou como exilada política. Inêz Oludé participou de júris em renomados museus e galerias da Europa, realizou projetos em instituições internacionais de grande porte como a Unesco e o Parlamento Europeu, participou de júris de Festivais tais como o de cinema documentário "Lagunimages" (Bénim, África), foi representante da plataforma associativa africana no museu da África Central de Tervuren, na Bélgica, foi presidente do Juri de exposições itinerantes do Museu de Arte Contemporânea d'Ixelles, em Bruxelas, participou de exposições coletivas e individuais em galerias, centros culturais e museus da África, Europa, Estados Unidos, Ásia e Américas. Atualmente além de suas exposições pessoais, também realiza curadorias de mostras de artistas de diversos continentes, desde 2007 dirige a Bienal de Artes Brasileiras de Bruxelas

NOIRS ET BLANCS EN COULEUR

A exposição faz parte do projeto parceiro da Unesco, Negros e Brancos em Cores, uma trilogia iniciada em 2002, com as exposições itinerantes "Águas da Memória, a Rota do Escravo e Negros e Brancos em Cores, com artistas internacionais.

Esta homenagem ao Dia Internacional de Recordação do Tráfico de Escravos e da sua Abolição é celebrado todos os anos a 23 de Agosto para comemorar a insurreição, na noite de 22 para 23 de Agosto de 1791, de escravos de Santo Domingo, nas Caraíbas, a qual teve um papel determinante na abolição do tráfico de escravos.

O projeto é parceiro do programa a Rota do Escravo, da Unesco e desenvolve ações culturais e coletivas que visam o resgate e a valorização da memória do tráfico negreiro e suas abolições. Negros e Brancos em Cores, o riso é o melhor remédio, baseado no instinto de sobrevivência dos povos oprimidos que encontram meios de ironias para expressar o trágico.

Várias exposições foram realizadas com artistas internacionais na Bélgica, as mostras individuais foram vistas na Alemanha, França, Estados Unidos e África.

A exposição a Rota dos Orixás encerra a trilogia com uma exposição pessoal que materializa a ideia que os africanos e seus descendentes são portadores de cultura material e imaterial, tradições que subsistem até nossos dias pelos que souberam preservar uma memória e resistir à escravidão.

